



CENTRO DE ARTESANATO E DESIGN DOS AÇORES

Retalhos Tradicionais dos Açores – “Patchwork”

“A natureza, sempre generosa, colocou à disposição de todos aqueles que estivessem dispostos a respeitá-la, uma quantidade e variedade de materiais e possibilidades, apenas limitada pela nossa imaginação. O artesão aproveitou essa dádiva e, entrando em sintonia quantas vezes de forma intuitiva com a substância corpórea, moldou, deformou, cortou, talhou, teceu, fundiu, deu cor, conjugou odores e sabores, ...”

(Aida Santos, 2011)

O trabalho com retalhos tradicionais dos Açores é a técnica que une tecidos com uma infinidade de padrões, formatos, cores variadas e pontos diversos para ornamentação, numa versão mais contemporânea o “crazy patchwork”, na versão tradicional o “trabalho louco açoriano”, em que a combinação e a união aleatória de diversos retalhos eram confeccionados de forma singela sem o característico acolchoado que o patchwork anglo-saxónico apresenta.

Este uso de retalhos ou de trapos, conhecido atualmente pela designação anglo-saxónica de “patchwork”, é uma arte, que combina o espírito do “aproveitamento”, é um exemplo de como a economia doméstica se fazia de reutilizações e recuperações do que alguns chamariam hoje de desperdícios ou até de resíduos. O “patchwork” é a parte superior ou a superfície da peça (manta) chamada topo, a parte que tem os tecidos todos recortados e emendados formando desenhos simples ou complexos, acolchoada pelo miolo que é uma manta acrílica, algodão ou mista, como se fosse o recheio de uma sanduiche e que serve para dar sustentação à peça ou mesmo para aquecer, depois a peça (manta) de retalhos é forrada, com o forro que é parte inferior, de tecido de forro, geralmente é um tecido inteiro liso ou estampado, mas sempre combinado com as cores do topo. Estas três peças são ligadas para não desmanchar o trabalho investido na peça, (manta). A ligação é formada pela junção do topo, da manta acrílica e do forro, tudo preso por uma técnica conhecida “quilt” ou acolchoamento que une as três camadas, por meio da costura manual ou à máquina, por vezes tudo costurado com pontos retos ou arabescos o que define o trabalho já finalizado.

Esta tipologia de peça torna-se largamente difundida, tornando-se uma referência na Europa e na América. Em meados do séc. XVII, a arte de acolchoar (quilt) chegou à América do Norte, mais especificamente aos Estados Unidos e Canadá, trazida pelos colonizadores, era comum ver colchas feitas de linho ou lã, em panos inteiros ou a partir de medalhões centrais e bordas, que permitiam o aproveitamento total de retalhos, considerados preciosidades, assim como linhas e agulhas (que eram passadas de mãe para filha). Por sua vez, as técnicas eram transmitidas pelas mães e avós para suas descendentes, assim surgiram muitas tradições relacionadas com tecidos, cores e desenhos. No final do séc. XVIII e início do séc. XIX a Grã Bretanha dominou a técnica, levada para a América pelos primeiros colonos. No entanto, sempre existiu uma proximidade entre as formas e padrões ingleses, apesar do método de execução na América sofrer alterações ao longo dos anos, designadamente nos padrões das colchas que surgiram em blocos como os nove retalhos, a cesta da avó, passando a ser conhecido como padrão de cadeia irlandesa.

Nos Açores, vivia-se numa economia doméstica, baseada no reaproveitamento e na reciclagem, as peças mais antigas eram de cores escuras e sóbrias, confeccionadas com retalhos de tecidos grossos de lã, ou tecidos mesclados de lã e algodão (como as casimiras, a sarja ou o cotim de que se faziam fatos de homem) eram as peças mais produzidas frequentemente, algumas bordadas por vezes com capuchos de retalhos e sem o acolchoamento, de execução simples, sem grande exigência técnica, como outros trabalhos com execução de grande rigor e com técnica mais exigente. Nota-se a ausência de padrões e as tonalidades escuras predominavam, talvez

tenham contribuído para a utilização do fio de lã de cores garridas (o vermelho, o amarelo, o azul, o verde e o rosa), realçando carreiras de ponto de galo, aplicadas na execução de diversos trabalhos.

Com a emigração para a América, os nossos emigrantes traziam ou mandavam às famílias fatos, vestidos, meias de seda e chapéus. A imitação e uma certa melhoria, mais aparente do real, das condições de vida, logo após a guerra de 1914, levaram a abandonar definitivamente o emprego dos tecidos regionais resistentes e fortes, melhor adequados às condições de vida do trabalhador rural, mas de aspeto muito menos atraente, (Luís Ribeiro, 1982). O autor assinala que os destinos da emigração açoriana se haviam alterado havia cerca de 50 anos, preferindo-se agora a América (ou seja, os Estados Unidos) ao Brasil. É esse emigrante, regressado ou não, que é identificado por Luís Ribeiro, em texto de 1940, como agente principal da mudança, responsável pela alteração do gosto e pelo conseqüente abandono do fabrico manual e caseiro “desenvolvendo o gosto pelos tecidos fabris, finos e brilhantes, pelo luxo e pela moda” (Luís Ribeiro, 1983).

Por outro lado, a proliferação de costureiras e profissionais de costura, mesmo nas freguesias rurais, contribuíram para a difusão de labores como ocupação de lazer e de entretenimento feminino, enquanto a crescente circulação de revistas e catálogos iam apontando e divulgando modelos, contribuindo para a difusão e evolução da técnica e da diversidade de desenhos e ao surgimento de novos moldes e padrões.

Muito popularizado no contexto do artesanato dos Açores e já com a técnica de unir pedaços de tecidos cosidos à mão ou à máquina e com a técnica do acolchoamento, podemos encontrar inúmeras variações desde o padrão, com retalhos diversos, lisos ou estampados, de cores vivas, em composições geométricas ou aleatórias, apresentando por vezes desenhos elaborados a partir de capuchos de retalhos ou até com aplicação de alguns bordados com linhas de algodão, de seda e fio de ouro.

I Padrões

Os padrões açorianos eram de carácter muito próprio, despretensiosos e livres de convicções, com tecidos lisos, de lã e de algodão, cosidos à mão, alguns estampados, a sua maioria já tinha sido usados, faziam parte do vestuário da época, de cores escuras e sóbrias por vezes em contraste. Os padrões eram simples e geométricos sem grande complexidade técnica.

De salientar, que no “panorama das Artes Têxteis” destacam-se diferentes morfologias, distinguindo-se entre si, pela diferenciação tipológica do suporte em que são executados, do material utilizado e ainda das técnicas usadas” (Perdigão 2002). Essas manifestações artesanais são obtidas através da tecelagem, da lã, do linho e do algodão.

Ao longo dos tempos, como se refere (Perdigão 2002) a lã, o linho e o algodão foram utilizados na confeção de diversas peças, dependendo do uso a que se destinava. O algodão era a matéria prima mais utilizada na área dos têxteis-lar, possibilita um corte preciso dos padrões, através da boa visibilidade da teia e da trama e pode-se encontrar, monocromático ou estampado, sendo este caracterizado pelo efeito floral de pequena dimensão.

Atualmente, a manufatura da trapologia persiste devido ao forte cariz utilitário e de lazer, e às artesãs que têm divulgado trabalhos executados com características e padrões diversos, na tonalidade e textura dos tecidos, designadamente:

- algodão;
- algodão estampado;
- algodão com motivos florais (as chitas);
- algodão com motivos geométricos;
- linho;
- seda;

- seda estampada;
- seda com motivos geométricos
- lã;
- veludo;
- damasco;
- chiffon;
- rendas;
- sarja;
- acrílico;
- ganga;
- tafetá;
- feltro;
- terylene;
- fitas de algodão de diversas cores;
- tecidos impermeáveis (TNT);
- poliéster lisos e policromados e,
- outros materiais:
- lantejoulas;
- missangas;
- pompons de lã;
- pompons de algodão;
- pompons de algodão ou lã policromados.

II

Técnica de Modelagem

De salientar as principais técnicas de modelagem nos trabalhos em retalhos:

- ausência de molde na peça, a execução depende da criatividade da artesã;
- utilizando régua com o modelo pretendido;
- usando o corte do retalho de maneira aleatória (trabalho louco) – método tradicional (cosido à mão);
- usando o corte do retalho de maneira aleatória (trabalho louco) – método contemporâneo (cosido à máquina);
- utilizando o método em hexágonos (com moldes- moldelagem) com enchimento em tecidos de diversas cores;
- utilizando as técnicas obtidas através da geometria.

A modelagem é um dos processos fundamentais para a confecção de uma peça, depende de artesã para artesã, algumas não praticam essa técnica, têm o dom de criar a peça, sair do papel e tornar a peça de maneira plana (simples) ou tridimensional, é o passo para a criação do sonho, criando peças mais personalizadas. Os tecidos, são sobras que foram guardados de outros trabalhos, com memórias e histórias, cortados em pedaços, de modo a que, quando costurados juntos criam uma peça, sendo o método mais tradicional.

Outra técnica, é a execução do próprio molde em papel ou tecido, cortado em pedaços, utilizando régua com o molde pretendido, ou aplicando técnicas obtidas através da geometria, ou seja, o seu método de construção é baseado em cálculos matemáticos, chamada de modelagem geométrica, construída a partir de uma base, da qual todas as alterações se processam técnicas, criativas e de graduação quando costuradas à mão ou à máquina criam uma peça.

III

Configuração e desenho

No final da década de 60 e em toda a década de 70 do séc. XX, assiste-se à vulgarização do poliéster (fibra sintética resistente e que não se enrugam), amplamente distribuído e divulgado, mais uma vez pelos nossos emigrantes da América do Norte. Mais fácil de trabalhar porque não se desfia, o poliéster permite por isso, a vulgarização de vários trabalhos elaborados com modelos geométricos, popularizando-se na produção local, mas já usados nos modelos anglo-saxónico desde o séc. XVIII, prática reforçada pela costura mecânica que a máquina de costura permite

desde meados do séc. XIX, em que a técnica do acolchoar (*quilt*) e do trabalho em retalhos ganha um novo ímpeto, contribuindo para a difusão e evolução da técnica e da diversificação de tecidos, desenhos, e para o surgimento de revistas especializadas em padrões, moldes e modelos de patchwork.

Face à preocupação de manter a tradição, e ao mesmo tempo inovar e criar alguns trabalhos, com os padrões mais emblemáticos desta manufatura globalizada, que desde o séc. XIX, influenciou a Inglaterra, América do Norte e os Açores por influência dos seus emigrantes, existe uma preocupação técnica não alheia às influências americanas em que, na parte superior é mais visível do trabalho (o tampo), onde se aplica as mais diversas técnicas de costura, de decoração têxtil, em especial o bordado e diversas aplicações, bem como o conhecimento dos tecidos, da geometria e da cor, uma boa base para a combinação e a harmonia de tons e texturas.

O desenho que caracteriza os “trabalhos em retalhos” é formado essencialmente por motivos geométricos (quadrados, retângulos, triângulos, hexágonos), desenho figurativo, motivos florais, zoomórficos e outros) combinados das mais variadas formas, geralmente aplicados na base da peça, dando origem a uma panóplia de padrões geométricos, estando sempre presente uma preocupação por vezes simétrica, outras assimétricas na união de todos os retalhos, bem como uma nota de alegria na combinação das cores.

Com efeito, técnicas como o (*quilting*) ou acolchoamento, materiais inovadores como a manta acrílica, o (*quilt*) o acolchoar ou enchimento e a adoção de modelos americanos de origem anglo-saxónica, contribuíram para os diversos modelos apresentados e aplicados em trabalhos realizados nos Açores, designadamente:

- Quadrados

Modelo muito popular usado na nossa comunidade açoriana, tendo por base um desenho geométrico – quadriculado, simples, alguns preenchidos com motivos florais (estrelas), bordados a ponto de espinha, com fio de lã, unidos por meio de costura, de forma simétrica, criando uma ornamentação singela que se tornou muito tradicional nos Açores, utilizado para trabalhos de carácter utilitário, como colchas, mantas e tapetes, proporcionando o aquecimento. O seu padrão é um dos mais simples de execução e muito adequado à utilização de aproveitamento de retalhos.

- Trabalho louco - “Crazy patchwork”

É um desenho geométrico irregular e aleatório de cores vivas. É o mais antigo dos modelos de acolchoar à mão do patchwork açoriano. Os modelos iniciais eram de várias formas, com cores e estampados. Retalhos de vestidos, de calças de homem e de camisas usados eram cortados e cosidos aleatoriamente compondo inúmeros trabalhos. O resultado era uma miscelânea de cores e de formas, uma história de vida por detrás de cada padrão.

É um padrão frequentemente usado nos Açores, composto por várias peças com texturas e formas, que criam formas geométricas aleatórias. Este padrão não se refere a um tipo específico de acolchoamento mas sim, a um tipo específico de retalhos, a maioria cosidos à mão, outros à máquina, sem motivos repetidos e com as costuras e remendos embelezados em ponto pé de galo, ponto de espinha de peixe, ponto de areia e ponto caseado, com linhas de lã de diversas cores, (vermelha, azul, amarela, verde, rosa e salmão), ornamentados com motivos florais, delimitando os desenhos geométricos criados pela artesã, na década de 40, forradas com um único tecido de algodão muitas vezes com desperdícios têxteis ou com lã de ovelha cardada.

Mais tarde, o acolchoamento do trabalho louco, rapidamente se tornou uma moda nacional entre as mulheres urbanas da classe alta, que usavam a grande variedade de tecidos que a indústria têxtil recém-industrializada do séc. XIX oferecia para montar colchas únicas de centenas de tecidos diferentes. Muito tempo depois de o estilo ter saído de moda entre as mulheres urbanas, ele continuou nas áreas rurais e nas pequenas cidades, cujas mantas adotavam os padrões das

mantas urbanas, mas empregavam tecidos mais resistentes e práticos, e abandonavam os bordados e enfeites ornamentados das mantas anteriores.

Atualmente, são colchas executadas com tecidos de cores vivas, com uma composição mais aleatória do que desenho geométrico, muitas vezes preenchido por motivos florais, bordados com linha de seda, lã, algodão e por vezes com missangas e vidrilhos, cosidos à mão ou à máquina, originando trabalhos de grande beleza, acolchoadas, com o enchimento de manta acrílica e forradas com tecido, arrematadas por vezes com franja, outras apenas com a bainha cosida e arrematada nas extremidades.

- Estrela de Oito Bicos

As estrelas de oito bicos são provavelmente o padrão mais utilizado no acolchoamento, originando um trabalho de grande execução, principalmente em colchas. Associadas às técnicas ancestrais do tear, da tecelagem açoriana, designadamente, nas colchas típicas de S. Jorge, que passaram de geração em geração, persistindo no tempo. Padrão geométrico e estilizado.

- Log Cabin – Clássico padrão do trabalho com retalhos Americano

A técnica de log cabin é elaborada por tiras estreitas formando um L, a partir de um quadrado central. Um dos modelos mais conhecidos dos retalhos açorianos. A sua simbologia é referente à cabana e à segurança que esta transmite às pessoas. Formado por um quadrado central que representa o coração, de cor vermelha. A sua tipologia provem das tiras estreitas de tecido, que simboliza, os toros de madeira utilizados para se construir uma cabana. A sua execução em tiras possibilita uma boa utilização de retalhos, frequentemente associado ao último passo no aproveitamento de tecidos.

- Mosaico

Diversos retalhos de padrões diferentes se unem para criar um mosaico, formando figuras quadradas unidas por meio de costura à mão ou à máquina. Esta tipologia está bem patente nos trabalhos de retalhos que atualmente se fazem nos Açores e que naturalmente beneficiou com a especialização dos têxteis, que anualmente desenvolvem tecidos especiais, assim como revistas, matérias e ferramentas que visam facilitar o trabalho, ao mesmo tempo que contribuem para a uniformização de padrões e técnicas.

- Margaridas – Grandmother!s Flower Garden

Muito popularizado nos finais do séc. XIX, foi reavivado por volta de 1925. O hexágono permite um bom aproveitamento de retalhos, formando um padrão floral (margaridas), unidas e costuradas entre si, revestido com enchimento acrílico ou outro, usando-se a técnica do (*quilting*), mais conhecido por acolchoar ou acolchoamento.

- Escamas - Clamshell

É um modelo tradicional, em que consiste em vários tecidos de diversas tonalidades e texturas, formando um padrão repetitivo em forma de “escamas” ou “meias luas”, costuradas e unidas, bordadas com o habitual bordado em ponto de espinha.

- Triangulos - Pinetree

A forma do triangulo faz parte da forma geral do padrão gerando inúmeros motivos. É um padrão formado por vários triângulos dispostos de forma geométrica por vezes simétrica outras vezes assimétrica, originando figuras no desenho de patchwork, com cores e texturas definidas, inspirados em modelos tradicionais. De fácil execução.

- Bicos de ganso – Flying-geese

Padrão com o centro em formato de quadrado, elaborados com retalhos estampados em que diversos triângulos formam figuras geométricas no desenho do patchwork, unidos por meio de costura, originando bicos de ganso. Foi um trabalho desenvolvido na década de 1930 e tornou-se popular na década de 1960.

IV Tipos de pontos

- ponto coral (ponto pena);
- ponto caseado;
- ponto corrente (cadeia);
- ponto espiga;
- ponto pé de flor;
- ponto de espinha de peixe;
- ponto pé de galo;
- ponto de cobertor ou cruzado;
- ponto de areia;
- ponto de margarida;
- ponto grilhão;
- ponto ziguezague;
- nó francês;
- ponto cheio,
- ponto matiz;
- ponto rócócó;
- ponto apanhado;
- ponto de cruz;
- capulhos ou fuxicos em retalhos.

V Técnicas de Execução

Na execução do trabalho louco dos Açores, iniciamos o trabalho com as sobras de tecidos que foram guardadas ao longo dos tempos e dos vários trabalhos já executados, selecionados por tipos de tecidos. Começa-se por cortar uma base de pano branco, com as medidas pretendidas. Após obtermos o pano com as medidas pretendidas prende-se com alfinetes ou alinhava-se em torno da peça, introduzindo em simultâneo a bainha para o interior do tecido. Depois da área preenchida dá-se início ao bordado, quanto mais rico for o bordado entramos no estilo Vitoriano. Inicia-se a união dos pedaços de tecido alinhavados com diversos pontos. Por vezes, há quem deixe algumas uniões sem bordar e coloca a pasta, ou manta acrílica (o enchimento) e o forro, depois do modelo pretendido. Continua-se a bordar, principalmente no topo, aparecendo no verso da peça o (forro), aplicando assim o acolchoamento à mão. De salientar, que estes trabalhos executados em retalhos coloridos, lisos ou estampados, de cores vivas, em composições geométricas ou de formato aleatório ficaram conhecidos nos Açores como trabalhos loucos ou "crazy patchwork". A peça no fim é arrematada com uma barra em toda a volta ou fita de viés.

Com efeito, a técnica de acolchoar ou acolchoamento dos materiais inovadores, como a manta acrílica e a adoção da configuração e desenho americano de origem anglo-saxónica, como os medalhões centrais nas colchas, estão patentes nos trabalhos com retalhos que se fazem nos Açores e que naturalmente beneficiou com a especialização de grandes indústrias têxteis que anualmente desenvolvem tecidos especiais para a atividade artesanal da confeção de têxteis para o lar, assim como materiais e ferramentas que chegam de todo o mundo e visam facilitar o trabalho, ao mesmo tempo que contribuem para a uniformização de padrões e técnicas.

De salientar que este trabalho pode ser executado numa base única ou em blocos de 25 ou 30 cm. A confeção de cada bloco é igual, o bordado e as aplicações ficam ao critério da artesã. A seguir fazem-se as uniões dos blocos e conclui-se a peça da mesma maneira.

Para além, do trabalho louco tradicional dos Açores, há ainda uma variedade de pontos, bordados em vários quadrados, com motivos florais, zoomórficos, paisagísticos e figurativos, com aplicações diversas, rendas, fitas, o que a imaginação nos leva a criar, apresentando por vezes desenhos elaborados a partir de capuchos de retalhos, bordados com um único ponto, o ponto cruzado.

As colchas mais tradicionais dos Açores eram compostas de uma só forma geométrica, ou com forma única, enquanto como produto final. Os pedaços de tecidos, todos com a mesma dimensão, criavam um impasse geral de mosaico. Estes trabalhos de forma única, com motivos simples, adquirem a sua beleza através do jogo de cores ou texturas dos tecidos, cosidos à mão, com a ajuda de moldes de papel, quando necessário.

Havia ainda outros padrões, através do seu processo de junção, executados do interior para o exterior através de pedaços de tecidos de formas triangulares, hexagonais ou retangulares, terminando em cercaduras que, do mesmo modo se geometrizam em tecidos lisos ou estampados, todos cosidos à mão.

Hoje, face à criatividade que se encontra em muitos trabalhos, mesmo recorrendo aos modelos tradicionais do “patchwork” rústico, utilizando tecidos mais grosseiros, com cores sombrias próprias de roupa de trabalho, produzida nos teares, em que os desenhos se repetem conforme a tradição, noutros, o uso da cor e das formas rementem-nos para a criação artística individual, num jogo de sombra/luz, profundidade e detalhe.

Nota-se que os trabalhos com retalhos contemporâneos revelam uma preocupação técnica onde se aplicam as mais diversas técnicas de costura e decoração têxtil, não alheias às influências americanas, como o conhecimento dos tecidos, a geometria e a cor, sendo uma boa base para a combinação e a harmonia de tons, texturas: tecidos de gravatas em seda outros em poliéster, tecidos em chiffon ou shantung, tecidos “mais ricos” que alguns casos deixaram de cumprir a sua função ou sobram da confecção de vestidos de noite, muitas vezes com as costuras ornamentadas com bordados variados, com lantejoulas e missangas, de diferentes volumes, feitios e cores, em composições aleatórias, carregados de técnica onde se empregam quase todos os pontos utilizados no patchwork.

VI Tipologia

As colchas (as coverlets) eram usadas na América entre 1790 e 1840, sem o devido acolchoamento típico do (*quilt*). Nos Açores foram as primeiras colchas a serem elaboradas sem o enchimento de acrílico, apenas forradas com um forro de tecido grosso, por vezes ornamentadas com desenhos formados por capuchos ou fuxicos de retalhos, unidas com lã de cores garridas e serviam de aquecimento. Hoje, existem colchas confeccionadas com tecidos diversos e delicados, alguns simétricos outros aleatórios originando o tradicional “trabalho louco”, acolchoadas com manta acrílica e forradas com tecidos de lã.

- **Mantas**, confeccionadas a partir do aproveitamento de diversos tecidos de algodão, estampados e lisos, tendo por base um padrão geométrico, arrematadas com costuras simples, o forro e a bainha eram feitos com restos de tecidos de algodão, sendo o seu enchimento com pasta artesanal, feito com lã de ovelha, desperdícios têxteis, ou até com cobertores velhos, sendo estes últimos as formas mais comuns e populares de enchimento. Mais tarde, já eram elaboradas com a técnica do enchimento, acolchoadas com pasta de acrílico ou enchimento de almofada.

- **Tapetes**, elaborados a partir do aproveitamento de tecidos de alfaiate, em tons escuros, e dos tecidos de poliéster americano que contrastava com a escura baeta e a simplicidade das chitas, alguns por vezes bordados com motivos florais em fio de lã e de algodão colorido, outros de composição como os capuchos de retalhos ou entrançados, trapilhos mesclados, escamas ou meias luas, estrelas, tudo obra da singeleza da vida doméstica no meio rural;

- **Abafadores**, de diversos formatos geométricos, circulares, retangulares, em meias luas, confeccionados em diversos tecidos, estampados, lisos, de lã, poliéster e terylene, unidos de forma aleatória, outros com motivos florais, alguns bordados à mão nas costuras, outros à máquina, nas costuras de união com o ponto de espinha, ou ponto pé de galo, acolchoados com pasta de lã com a finalidade de manterem calor aos alimentos e às bebidas, designadamente, os abafadores

de bules para servir o chá, alguns debruados em cordão de seda, outros, excelentes exemplares do trabalho com retalhos tradicionais, na versão açoriana de trabalhos loucos.

- **Toalhas de mesa**, executadas em trabalho louco, com os retalhos unidos com pontos diversos, de forma aleatória e de cores bastantes coloridas, numa versão mais contemporânea, “crazy patchwork”, do tradicional trabalho louco açoriano. Outras confeccionadas com o aproveitamento de tecidos de fatos de homem, com a junção de pequenos pedaços de pano, de lã, feltro, algodão, ornamentadas com fio de lã com ponto pé de galo e outros pontos.

- **Naperons**, artigos de decoração de diversos formatos geométricos, diversas técnicas, elaboradas a partir de tecidos de algodão, estampados e lisos, veludo, seda, e poliéster, arrematados com ponto de espinha de peixe, formando por vezes um desenho assimétrico e aleatório.

- **Painéis decorativos**, normalmente de formato quadriculado, elaborados com pequenas aplicações de algodão de diversas cores, desenhos em formato de mosaicos, simples, em modelos figurativos, florais e zoomórficos representando um quadro campestre, alegre, luminosos pelos raios de sol. Outros, recorrendo à técnica do trabalho louco, confeccionados com pequenos fragmentos de tecidos variados, com lantejoulas, missangas, sedas, damascos, veludos, vidrilhos e rendas de diferentes volumes, feitios e cores, com composições aleatórias, carregados de técnicas onde se empregam quase todos os pontos utilizados no patchwork. O resultado são trabalhos de grande execução perfeita, de traço limpo e elegante, com tecidos de seda e chiffon, outros com aproveitamento de gravatas, resultando num trabalho final de uma grande variedade de cores, texturas e relevos. Outros ainda, compostos por um emaranhado de pequenas faixas de modo a proporcionar a harmonia que se encontra na qualidade do padrão, tecidos lisos, a escolha das cores não é de forma aleatória, evitando assim uma produção geométrica exagerada, sendo, ordenadamente, colocadas faixas de seda, realçando por vezes figuras exatas, o resultado é um trabalho de traço limpo e elegante.

Sacos/saquinhas de retalhos, para guardar o pão, para os Romeiros, para o Pão por Deus, para a merenda, de formato retangular, feitos em retalhos de algodão estampados, unidos de forma aleatória, sem preocupação estética, arrematados com um pequeno folho e fita de cadarço na parte superior, e na parte inferior são arrematados com borlas de fio de lã ou de algodão policromado nas extremidades, ou pompons de lã e de algodão coloridos;

- **Almofadas**, confeccionadas em formato quadriculado elaboradas com diversos tecidos de seda adamascada, algodão e linho, de cores sóbrias ou coloridas, unidas de forma aleatória ou simétrica, desenhando por vezes um padrão central, produzindo um efeito visual de tiras entretecidas. Por vezes, há trabalhos que têm uma preocupação estética que reside mais na alternância de cores e texturas do que na formação de um padrão, a conjugação de tecidos clássicos com tecidos de juta ou serapilheira em que confere a este trabalho uma nota de contemporaneidade.

- **Pegas**, de grande utilidade para o lar, destinadas para o uso doméstico, elaboradas a partir do aproveitamento de vários tecidos, principalmente de algodão, lã, feltro e poliéster, estampados ou lisos que tão bem representam o quotidiano do lar açoriano. São de diversos formatos geométricos, existindo sempre uma preocupação simétrica na união de todos os retalhos ao mesmo tempo, uma nota de alegria na combinação das cores.

- **Individuais**, destinados para o uso doméstico, alguns mais tradicionais, outros mais contemporâneos, com tecidos mais coloridos e com técnicas de costura empregues nos trabalhos loucos regionais, uma combinação clássica do crazy- patchwork.

- **Malas de Senhora**, exemplos do patchwork criativo em que merecem especial destaque a elaborada ornamentação bordada à mão, não só pela grande variedade de pontos de contorno,

mas na elaboração de diferentes flores bordadas com fitas de seda, como também, nos tecidos aplicados no trabalho, tecidos em seda e cetim estampados e lisos, unidos de forma aleatória, exemplo do patchwork contemporâneo e criativo, inspirado na versão açoriana tradicional dos trabalhos loucos. Outras confeccionadas com tecidos de algodão, fazendo referência às antigas chitas estampadas e lisas, seguindo um padrão clássico do patchwork tradicional, em que os retalhos são unidos em diversos padrões, bordados com ponto de espinha ou ponto pé de galo.

Outros artigos, inspirados nas técnicas dos trabalhos com retalhos tradicionais dos Açores, que constituem referências ao aproveitamento de retalhos que está na base dos trabalhos loucos açorianos.

VII Utensílios

Utensílios	Funcionalidade
Base de cortar	Utilizada para apoiar e cortar o tecido. Composta por marcações em centímetros e polegadas, na vertical e na horizontal. Possui uma base para o corte que tem como finalidade proteger as lâminas do cortador. A de 45cmx60cm é uma boa opção. Tem como utilidade para não deixar a lâmina perder o fio.
Cortador Circular	Tem como função cortar simultaneamente várias camadas de tecidos, de forma rápida e precisa. Os de lâminas de 45mm, são os mais indicados para o corte de tecidos sobrepostos.
Réguas com marcação	Possuem marcações de medidas e ângulos (30°, 45° e 60°), e são utilizadas junto com o cortador circular. No mercado há uma grande variedade de réguas, todas visam facilitar a confecção de blocos de patchwork. É aconselhável a régua retangular, a de 30cmx15cm é indicada para vários tipos de trabalhos artesanais. Ao mesmo tempo permite o corte mais rápido e com precisão.
Aglhas	Servem para coser e unir os tecidos confeccionados
Alfinetes específicos	Existem vários modelos, alfinetes curtos, de ponta colorida, ideais para as costuras à máquina, para acabamentos e para colocação de zíper (colocação de feicho) principalmente em malas e peças de vestuário. Para outros trabalhos em retalhos, usa-se alfinetes longos, extralongos e de segurança, são mais eficientes para prender várias camadas de manta. Ainda há os que têm uma bolinha ou florzinha colorida na extremidade superior que proporcionam uma melhor visualização no momento da confecção da peça. Uma nota a salientar, deve-se escolher alfinetes de qualidade que não enferrujem e não manchem as peças, outros que são desaconselháveis os de pontas muito pontiagudas de maneira a não repuxarem os fios do tecido, têm como função

	segurar os moldes aquando a execução da peça.
Dedal	Para proteção ao dedo médio
Lápis, giz de alfaiate ou esferográfica de tecido	São utensílios muito utilizados na realização das marcações que orientam o corte.
Tesoura de costura e tesoura pequena	A tesoura de costura é utilizada para cortar linhas e moldes. A tesoura pequena é sempre conveniente usar para fazer os acabamentos decorativos.
Ferro de passar	Tem como função unir as faixas de cada bloco de maneira que o tecido não fique amarrotado.
Calcador walking foot	Serve para executar o acolchoamento da peça.
Calcador free notion	Utilizado para coser bainhas e em simultâneo segurar o tecido que se cose.

VIII Equipamento

- Máquina de costura;
- Mesa de trabalho para os recortes;
- Mesa de passar a ferro.

IX Aplicação de selo de certificação

Marca indelével em conjugação com a versão etiqueta. Logotipo iconográfico e n.º de autorização.

X Definição da área geográfica de produção

Do ponto de vista histórico e geográfico, a produção do trabalho com retalhos tradicionais regulamentada pela presente portaria circunscreve-se a todas as ilhas do arquipélago dos Açores, constituindo um produto de referência do artesanato açoriano.

Publicado em 14 de outubro de 2021.